



XIV SEUR – III Colóquio Cidade e Cidadania

PANORAMA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DO ATLAS DA SENAES/MTE

Amós Juvêncio Pereira de Moura, UFPel, ajpereirademoura@gmail.com¹

William Martins Lourenço, UFPel, willilou@gmail.com² Antonio Lourence

Kila de Queiroz, UFPel, antoniofilaq@gmail.com³ Giovana Mendes

Oliveira, UFPel, geoliveira.ufpel@gmail.com⁴

Resumo

Este trabalho tem por objetivo trazer um panorama geral dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) no estado do Rio Grande do Sul (RS), sendo parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso do proponente, caracterizando esse importante movimento econômico que se pretende contra-hegemônico. Apresenta dados variados sobre aspectos relacionados ao tipo de produção (rural ou urbana), etnia dos sócios, gênero dos sócios, relação com movimento sindical e/ou popular. Esses dados foram retirados a partir da consulta do Atlas digital do sistema SIES/SENAES/MTE. Ao final esses dados são discutidos com uma contribuição crítica à economia solidária.

Palavras-chave

Economia solidária, EES, Modo de produção.

Abstract

This work aims to bring an overview of Social Entrepreneurship Solidarity (SES) in the state of Rio Grande do Sul, being integral part of the Undergraduate Thesis of the author, characterizing this important economic movement that intends to be against-hegemonic. introduces several datas about aspects related with the kind of production (rural or urban), ethnicity of associate, genre of associate, relation with the syndical and/or popular movement. In the end of this datas are discussed with a critic contribution to the solidarity economic.

Keywords

¹ Autor.

² Coautor.

³ Coautor.

⁴ Orientadora



Solidarity Economy, SES, Mode of production.

Panorama da economia solidária no Rio Grande do Sul através do atlas da SENAES/MTE

1. Introdução

Esse trabalho se faz necessário devido a pouca produção acadêmica existente na geografia sobre economia solidária. Os dados aqui abordados dizem respeito a inter relação existente entre o espaço e a economia, se caracterizando como relacionado aos estudos da geografia econômica. Sendo assim definimos geografia econômica como “el estudio de las interrelaciones dialécticas existentes entre la actividad económica y el espacio”. (MENDEZ 2006, P. 5). Este trabalho recebe importância, pois é parte essencial da pesquisa de conclusão de curso de seu proponente, na qual se pretende aprofundar os estudos a respeito da economia solidária no estado.

Podemos definir economia solidária como:

O conceito se refere a organizações de produtores, consumidores, poupadore, etc., que se distinguem por duas especificidades: (a) estimulam a solidariedade entre os membros a partir da prática da autogestão e (b) praticam a solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos. (SINGER 2003, p. 116)

Se fará uma discussão acerca da caracterização dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) existentes no estado, buscando se tipificar o tipo de produção e as características (gênero e raça) dos sócios dos EES. Segundo dados do SIES/SENAES/MTE (2006) existiam 14.954 EES no Brasil, divididos em 2.274 município, sendo 1.634 empreendimentos no RS, divididos em 270 municípios, ou seja: 54% dos municípios gaúchos possuíam EES. Na tabela abaixo, retirada da primeira versão do atlas em 2006, podemos conferir um panorama nacional de como se encontrava a economia solidária naquele período.



UF	Nº de EES	% EES	Nº de Municípios	% Municípios/ Total de municípios
RO	240	1,6%	40	75%
AC	403	2,7%	20	87%
AM	304	2,0%	32	51%
RR	73	0,5%	14	88%
PA	361	2,4%	51	35%
AP	103	0,7%	13	76%
TO	400	2,7%	84	60%
NORTE	1.884	13%	254	56%
MA	567	3,8%	73	33%
PI	1.066	7,1%	83	37%
CE	1.249	8,4%	134	72%
RN	549	3,7%	77	46%
PB	446	3,0%	101	45%
PE	1.004	6,7%	129	69%
AL	205	1,4%	48	47%
SE	367	2,5%	63	83%
BA	1.096	7,3%	153	37%
NORDESTE	6.549	44%	861	48%
MG	521	3,5%	101	12%
ES	259	1,7%	59	75%
RJ	723	4,8%	82	88%
SP	641	4,3%	147	23%
SUDESTE	2.144	14%	389	23%
PR	527	3,5%	109	27%
SC	431	2,9%	133	45%
RS	1.634	10,9%	270	54%
SUL	2.592	17%	512	43%
MS	234	1,6%	25	32%
MT	543	3,6%	91	65%
GO	667	4,5%	127	51%
DF	341	2,3%	15	83%
CENTRO-OESTE	1.785	12%	258	53%
TOTAL	14.954	100,0%	2274	41%

Figura 1:Distribuição dos EES por regiões e estados em 2006.

Em 2013, ano final do levantamento, os dados recolhidos pelo SIES/SENAES/MTE apontavam cerca de 19.708 EES registrados. Já no Rio Grande do Sul existiam 1.696 EES. Isso aponta um crescimento da economia solidária. No mapa abaixo é possível ver a distribuição desses empreendimentos pelo estado.

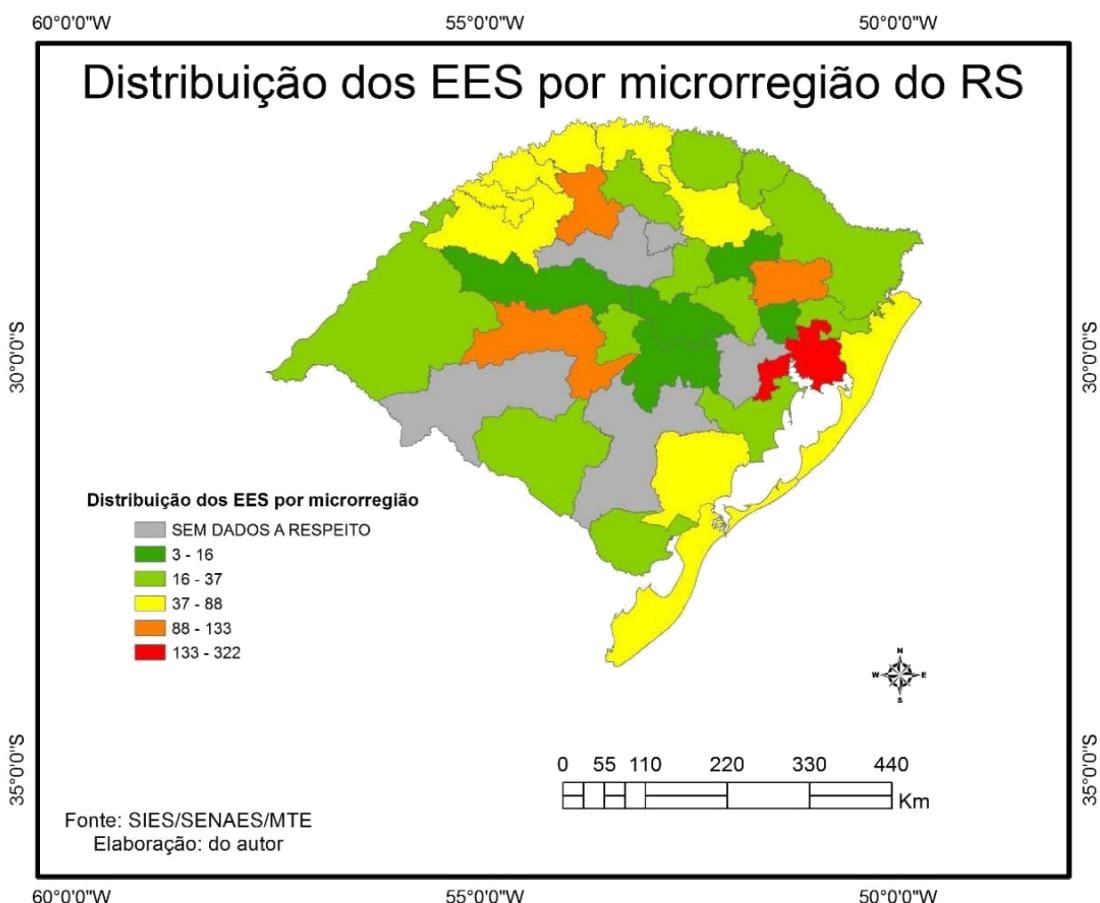


Figura 2:Mapa temático sobre a distribuição quantitativa de EES por microrregião do estado.

O conceito de EES se assemelha ao conceito de cooperativa de produção, se utilizará neste trabalho o conceito EES, pois é o utilizado no atlas. Embora, ressalte CRUZ (2011), muitos empreendimentos adotem a forma jurídica de cooperativa, não são parte da economia solidária. Pois para se fazer parte da economia solidária, um empreendimento precisa seguir alguns critérios, sendo eles:

- o trabalho,
- os resultados econômicos,
- a propriedade de seus meios (de produção, de consumo, de crédito etc.),
- o poder de decisão e
- os conhecimento acerca de seu funcionamento são compartilhados solidariamente por todos aqueles que deles participam. (CRUZ 2011, p. 102)

Podemos então definir cooperativa de produção como:

Associações de trabalhadores, inclusive administradores, técnicos, etc., que visam produzir bens a serem vendidos em mercados. Como toda cooperativa, aplicam aos seus membros os princípios que garantem democracia e igualdade entre eles na condução da entidade. (SINGER 2002, pgs. 89-90)



Concluímos então que a economia solidária se caracteriza pela organização horizontal e pela autogestão. Sendo os ônus e bônus, produtos do trabalho coletivo, sendo igualmente repartido entre todos.

2.Metodologia:

A metodologia para a elaboração desse trabalho se deu a partir da consulta no atlás na versão digital⁵, se buscou por dados que melhor caracterizassem a economia solidária. Os dados buscados foram dentro do estado do RS.

Os dados obtidos dizem respeito a: gênero dos sócios dos EES, raça/cor predominante dos sócios, área de atuação (urbana, rural ou ambas) dos EES, principais espaços de comercialização e relação com o movimento sindical e popular. Foram mantidas as mesmas categorias de análise para cada um dos itens que estão no Atlas, com exceção sobre o gênero dos sócios, onde não havia uma tabela apenas com a informação, sendo então necessário mesclar os dados contidos nas tabelas “número de homens sócios” e “número de mulheres sócias” e se pegando o total de cada.

A partir desses dados se busca fazer uma análise dos mesmos, trazendo nos resultados uma análise crítica sobre cada um. Ao final é feita uma análise se quais são os limites e possibilidades da economia solidária.

Para a elaboração do mapa (figura 2, presente na Introdução) que mostra como se dá a distribuição dos EES no RS foi utilizado o *software* ArcGis (versão 10.1, licença de uso do Laboratório Didático de Geoprocessamento da Universidade Federal de Pelotas). Foram escolhidas cinco classes para representar a distribuição do EES e foi utilizada a ferramenta *natural breaks*.

3.Resultados e discussão:

Abaixo seguem os dados que buscam trazer um panorama sobre a economia solidária no Rio Grande do Sul, tendo por base os 1.696 EES existentes no RS segundo o levantamento do SIES/SENAES/MTE finalizado em 2013.

⁵Os dados do segundo levantamento nacional sobre economia solidária, finalizados em 2013, estão disponíveis de forma digital no site <http://sies.ecosol.org.br/atlas>. Esse banco de dados digital sobre economia solidária é resultado de uma parceria do grupo Ecosol (Incubadora ligada a UNISINOS) e a SENAES/MTE.



Cor ou raça predominante dos sócios: as etnias dos sócios dos EES foram categorizadas em branca, preta, amarela, parda, indígena, ignorado e não se aplica. Sendo: branca 1.226, preta 65, amarela 14, parda 47, indígena 14, ignorado 18 e não se aplica 312.

Principais espaços de comercialização: os espaços de comercialização foram categorizados em lojas ou espaços próprios, espaços de venda coletivos (centrais de comercialização, CEASA), feiras livres, feiras e exposições eventuais/especiais, feiras de economia solidária e/ou agroecologia, entrega direta a clientes e outro (outras formas). Se ressalta que os empreendimentos podem comercializar seus produtos de mais de uma forma nas categorias aqui citadas. Sendo: lojas ou espaços próprios 287, espaços de venda coletivos (centrais de comercialização, CEASA) 178, feiras livres 506, feiras e exposições eventuais/especiais 307, feiras de economia solidária e/ou agroecologia 297, entrega direta a clientes 455 e outros (outras formas) 50.

Relação com o movimento sindical e/ou popular⁶: para esse item foram categorizados as respostas sim (se tem alguma relação, ou participa de movimentos sindicais, sociais ou populares) e não (se não possuem relação nenhuma com movimentos sindicais, sociais ou populares). Sendo: sim 629 e não 1.067.

Gênero dos sócios: para esse item foi juntado os dados provenientes das tabelas “número de homens sócios” e “número de mulheres sócias”. Sendo: homens sócios 130.920 e mulheres sócias 62.902. Contabilizando um total de 193.822.

Área de atuação: a área de atuação dos empreendimentos foram categorizadas como rural, urbana e ‘rural e urbana’. Sendo: rural 648, urbana 784 e rural e urbana 264.

4. Conclusão:

A partir dos dados referentes a raça/etnia dos sócios podemos observar uma grande discrepância, sendo dos 1.696 a grande maioria (1.226) possuindo uma maioria de trabalhadores brancos. Se observarmos pelo prisma de que existe uma desigualdade social-racial latente no Brasil (SILVA, 2016) e que como SINGER (2003) a economia solidária se pretende justamente ser uma alternativa aos trabalhadores mais pobres, podemos inferir que esse objetivo acaba por não se concretizar completamente. Embora existam casos no sul do Rio Grande do Sul de cooperativas quilombolas, a economia solidária é majoritariamente branca.

⁶ Foram inseridos nesse trabalho dados relativos a essa relação por se tratar do movimento social e/ou popular um dos maiores impulsionadores da economia solidária no Brasil. Um bom exemplo dessa ligação é o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) construir várias cooperativas de produção com seus assentados.



Sobre os espaços de comercialização é observável que embora feiras de economia solidária/agroecologia e entrega direta a clientes tenham grande importância na forma como os EES escoam sua produção, ainda a maior parte de sua produção é comercializada através de feiras livres e das CEASA's. Ou seja: ainda a forma majoritária de comercialização é ligada a um modo tradicional de economia.

Sobre a relação com o movimento sindical e/ou popular se observa que embora mais de um terço dos empreendimentos tenham sim ligação, a maior parte não. Podemos inferir que essa relação política entre os EES e os movimentos sociais é bastante forte.

Em relação ao gênero dos sócios podemos observar que majoritariamente a maior parte dos trabalhadores são homens, mais que o dobro de mulheres.

Em relação a divisão entre rural e urbano podemos observar ser bem dividido a relação em número de EES que atuam nas duas áreas, ainda temos alguns que atuam e mais de uma área.

Podemos concluir que a economia solidária é uma importante fonte de renda para milhares de trabalhadores que não conseguem através do mercado formal de trabalho se sustentar. Mas, apesar do que advogam seus defensores, ela é incapaz de por conta própria se impor como um novo modo de produção, pois conforme WELLEN (2008), a economia solidária é subordinada ao modo de produção capitalista, por sua transformação da solidariedade em valor de troca, e também pela preconização do uso de capital da população ser uma escolha individual, e não determinada pela própria estrutura sócio-econômica:

O primeiro ponto de destaque de nossa análise crítica das teses da 'economia solidária' remete ao fato desse projeto preconizar o uso do capital como uma escolha individual. Para tanto, seus autores promovem uma visão mistificadora da atual fase do capitalismo, tratando as vontades humanas como independentes das determinações do capital. Esse recurso serve ideologicamente para justificar que o capital não representaria uma força ativa na totalidade social, mas que seria induzido de acordo com a subjetividade de cada um dos seus portadores. Com a vigência dessa pseudo-realidade, os representantes desse projeto apelam para a boa vontade das pessoas, para que essas façam um uso solidário do seu capital particular e ampliem, dessa forma, a 'economia solidária. (WELLEN 2008, P. 106)

A partir dos esforços aqui iniciados pretendo me aprofundar em meu trabalho de conclusão de curso nos estudos sobre a economia solidária no Rio Grande do Sul. Esse trabalho aqui pretende ser base pro estudo do desenvolvimento da economia solidária no estado, tendo como fonte de pesquisa principal a primeira e a última edição do atlas da



SENAES, possibilitando assim ver de que forma se deu esse desenvolvimento e a caracterizar.

Ao final pretende-se trazer uma contribuição crítica, sobre quais são seus limites e possibilidades.

5. Referências:

ATLAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL 2005. SECRETÁRIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA - MINISTÉRIO DA TRABALHO. **Atlás**. Brasília: 2006. 60 p.: il.

ATLAS DIGITAL ECONOMIA SOLIDÁRIA. Online. Disponível em: <http://sies.ecosol.org.br/atlas>. Acesso em: 16/03/2018.

CRUZ, A. A acumulação solidária – os desafios da economia associativa sob a mundialização do capital. In: **Revista Cooperación & Desarrollo**, n.99. Bogotá, Indesco/UCC, 2011. pp. 101-121.

MENDEZ, Ricardo (2006), **Geografía Económica. La lógica espacial del capitalismo global**. Editorial Ariel, Barcelona. 3º reimpressão

SILVA, W. O. D. **O Mito da Democracia Racial no Brasil: um debate marxista sobre raça, classe e identidade**. 2ª edição, São Paulo: Editora Sundermann, 2016.

SINGER, P. Economia Solidária. In: CATTANI, A. D. **A Outra Economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

SINGER, P. **Introdução a economia solidária**. 1ª edição, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

WELLEN, H. A. R. **Contribuição crítica a ‘economia solidária’**. In: *Revista Katál*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 105 – 115. Jan – jun/2008.s